



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

ITALO ADÃO AGUIAR OLIVEIRA

**A CRIATIVIDADE ENQUANTO TENDÊNCIA
ATUALIZANTE:
IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL**

ARIQUEMES - RO
2016

Italo Adão Aguiar Oliveira

**A CRIATIVIDADE ENQUANTO TENDÊNCIA
ATUALIZANTE:
IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL**

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em Psicologia da Faculdade
de Educação e Meio Ambiente –
FAEMA como requisito parcial à
obtenção do título de bacharelado em:
Psicologia

Profª. Orientadora. Me. Carla Patrícia
Rambo Matheus

Ariquemes - RO

2016

Italo Adão Aguiar Oliveira

**A CRIATIVIDADE ENQUANTO TENDÊNCIA ATUALIZANTE:
IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora. Me. Carla Patrícia Rambo Matheus
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^a. Me. Ana Claudia Yamashiro Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof. Me. Roberson Geovani Casarin
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, _____ de _____ de 2016

À minha família, em especial meu pai.
Sem seus conselhos e sua sabedoria não seria possível

AGRADECIMENTOS

Expresso meus agradecimentos primeiramente aos meus familiares que me acompanharam durante todos esses cinco anos de graduação. Aos meus pais que desde minha infância se preocuparam e incentivaram cada vez mais o meu desenvolvimento enquanto pessoa. Ao meu pai que, apesar de todas as dificuldades me mostrou ao longo de todos esses anos que é possível recomeçar mesmo quando o mundo o abandona, e ainda assim sorrir. A minha mãe que durante todos esses anos esteve se sacrificando para poder providenciar condições dignas aos seus filhos mesmo enfrentando dificuldades.

A minha imensa introspecção e dificuldade em me relacionar com pessoas, pois durante muitos anos tive desprezo por essas características, mas compreendo que fazem parte de mim e que sem elas, eu não seria quem sou atualmente, assim como estaria aqui. Essas características estiveram presentes em todos os momentos de minha vida e continuarão presentes enquanto eu viver.

Aos grandes amigos e colegas que fiz no decorrer destes cinco anos. Muitos de vocês me marcaram de maneiras inesquecíveis, mesmo que vocês não imaginem. Cada um de vocês me ensinou algo – até mesmo os que já não permanecem mais em minha vida e que, de alguma forma, tiveram intenção de me prejudicar, pois diante disto, abri meus olhos para o mundo e aprendi algo muito valioso.

A minha Professora Orientadora Me.Carla Patrícia Rambo Matheus, pois sua chegada trouxe uma mudança de perspectiva necessária para minha formação e a formação de muitos outros que também partilham dessa opinião. Agradeço a você Carla pelos breves momentos onde você me instigou e me fez compreender aspectos dos quais nem mesmo havia conhecimento. Ao Professor Me. Roberson Geovanni Casarin, pois em um de seus dizeres logo nos primeiros anos de formação você exemplificou o que é cursar Psicologia. Nos seus dizeres: "Se você graduou no curso de Psicologia e mesmo assim possui a mesma "cabeça" que tinha quando iniciou o curso, você não cursou Psicologia". A todos os professores que me guiaram e contribuíram imensamente com minha formação acadêmica – tanto os que já não se encontram mais na FAEMA quanto os que continuam presentes até o momento.

Agradeço a todos que estiveram comigo nesses últimos cinco anos e que de alguma forma me incentivaram e tornaram possível alcançar meus objetivos.

Agradeço a Janaina Ramos de Lima Figueiredo, pois sem ela, eu teria trilhado um caminho que não condizia com minha própria conduta. Ao conhece-la percebi que não estaria mais sozinho frente as dificuldades. Ao perceber que a amo imensamente pude crescer como pessoa, sair da minha zona de conforto e viver o mundo com outros olhos para fazer juízo à pessoa pela qual você se apaixonou perdidamente. Agradeço também o fato de que ela ficou acordada junto de mim até o momento da conclusão desta pesquisa, mesmo eu dizendo que não faria bem a ela.

*Jealousy, turning saints into the sea
Swimming through sick lullabies
Choking on your alibis
But it's just the price I pay
Destiny is calling me
Open up my eager eyes
Cause I'm Mr. Brightside*

(The Killers)

RESUMO

A Saúde Mental é definida pelo Ministério da Saúde como um direito e dever fundamental de todo e qualquer cidadão. Nesse ponto de vista, a Psicologia da Saúde se estabelece como prática humanizadora que busca promover o bem-estar físico, mental e emocional, integrando a vivência do ser humano ao reconhecer o seu valor singular e sua experiência genuinamente humana. Apesar de assegurada como um direito, socialmente o ser humano necessita se desconstruir diariamente para pertencer à sociedade, mesmo que isso signifique abrir mão de sua subjetividade, se tornando incapaz de experimentar o mundo de forma livre e espontânea, afetando diretamente o seu Bem-Estar Social, sua Qualidade de Vida e conseqüentemente sua Saúde Mental. O presente estudo tem por objetivo compreender a Criatividade enquanto potencialidade humana capaz de resgatar o estado de Saúde Mental através do retorno da expressão subjetiva e do pensamento criativo. A Criatividade ao reintegrar a experiência humana promove o que para a Abordagem Centrada na Pessoa – ACP compreende a Tendência Atualizante, uma capacidade inata do ser humano de elaborar suas relações de forma resiliente.

Palavras-chaves: Criatividade, Processos Criativos, Saúde Mental, Abordagem Centrada na Pessoa, Tendência Atualizante.

ABSTRACT

Mental Health is defined by the Ministry of Health as a right and fundamental duty of every citizen. At that point of view, the Health Psychology is established as humanizing practice that intends to seek the physical, mental and emotional well-being, integrating the human experience, recognizing its value and the genuine human experience. Although assured as a civil right, socially humans need to deconstruct itself every day to belong to society even if it means giving up their subjectivity, becoming unable to experience the world freely and spontaneously, affecting directly their well-being, life quality and consequently the Mental Health. This research aims to describe the Creativity as a human potentiality that enables to rescue the mental health status through the return of the subjective expression and creative thinking. The Creativity reintegrate the human experience and promotes what it is for the Person Centered Approach - PCA, the actualizing tendency, an innate capacity of the human being to develop its relations resiliently.

Key-words: Creativity, Creative Process, Mental Health, Person-Centred Therapy, Actualizing Tendency.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP – Abordagem Centrada na Pessoa

BES – Bem-Estar Subjetivo

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

ONU – Organização das Nações Unidas

QV – Qualidade de Vida

UBS – Unidades Básicas de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVO	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3. METODOLOGIA	13
4. REVISÃO DE LITERATURA	15
4.1 SAÚDE MENTAL	15
4.2 A PSICOLOGIA DA SAÚDE FRENTE À HUMANIZAÇÃO DA SAÚDE	21
5. CRIATIVIDADE E PROCESSOS CRIATIVOS	25
5.1 CRIATIVIDADE ENQUANTO TENDÊNCIA ATUALIZANTE	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Durante sua existência, o ser humano tende a sentir-se constantemente frustrado e angustiado ao perder aspectos íntimos de sua personalidade e de sua originalidade. Isto tende a ocorrer nos dias atuais ao passo de que, o ser humano se tornou algo maior que a sua própria existência. Pertencer e fazer parte de algo se tornou fundamental ao ser humano, mesmo que isso lhe custe sua individualidade.

Ao se distanciar cada vez mais de sua individualidade suas potencialidades são deixadas de lado, ocasionando indivíduos cada vez mais distantes de sua própria experiência e de suas próprias potencialidades em detrimento ao sentimento de pertencimento e a experiência massificada. Diante sua própria subjetividade, o ser humano sente um grande vazio existencial e busca incessantemente conter seu vazio através de sua identificação no outro, não mais em si mesmo.

A sociedade trabalha em um exaustivo e acelerado ritmo de consumo, seja este, materialista, idealista, de relações inter e intrapessoais, experiências e conteúdos que passam a fazer parte de sua personalidade sem que haja um real significado para ele mesmo, servindo apenas para conter o seu desejo de pertencer a algo. O ser humano passa a se desconstruir diariamente para tentar dar sentido à sua experiência social, mesmo que por vezes isso signifique abrir mão de sua subjetividade (SAKAMOTO, 2008).

O ser humano se tornou incapaz de experimentar o mundo de forma espontânea e real ao entrar em contato com seu ambiente e sua natureza. A incessante desconstrução e esvaziamento subjetivo afeta a maneira na qual o ser humano lida com as urgências do mundo externo e com sua experiência individual, e conseqüentemente, seu desenvolvimento subjetivo e sua saúde mental passam por modificações, tornando-os incapazes de lidar com as diferentes situações e exigências sociais no decorrer de sua vida, evidenciando uma carência de repertórios que possibilitem contornar tais dificuldades de forma satisfatória.

Nesse sentido, a Criatividade¹ se manifesta com o objetivo de intermediar as relações ambientais (externas) e subjetivas (internas) que se relacionam diretamente com a experiência singular de cada ser humano para que este não perca contato com suas potencialidades e consigo mesmo.

O conceito da Criatividade em seu significado geral é apresentado através da expressão de habilidades artísticas, aptidões e talentos que se destacam dentre uma gama de características encontradas comumente em outros indivíduos. De forma geral, a sociedade considera a Criatividade como uma condição que não pode ser alcançada nem mesmo através do esforço bruto. Ser criativo é, por muitas vezes, considerado um dom.

Tendo em vista que a própria sociedade considera a Criatividade uma característica exclusiva e impossível de ser alcançada caso não esteja presente desde o nascimento, o desenvolvimento de potencialidades criativas tem diminuído com o passar dos anos. A dimensão globalizada e massificada na qual a cultura é experienciada atualmente não permite a internalização e elaboração de experiências subjetivas, promovendo cada vez mais a desvalorização das características individuais do ser humano, obrigando-o a tomar para si características que não correspondam sua vivência.

A compreensão da Criatividade se encontra distorcida e minimizada nos dias atuais. O presente estudo busca através da conceituação da Criatividade enquanto processo cognitivo de base sociocultural, compreender os mecanismos relacionais e as condições necessárias para a expressão criativa e a relação de ambas com a necessidade orgânica do ser humano em se atualizar constantemente através da aproximação entre sua vivência e seus sentimentos reais, tornando-o mais próximo de si mesmo.

Para tanto essa pesquisa se organizou com o intuito de apresentar a importância da Criatividade e os Processos Criativos enquanto propriedades necessárias para a aquisição de saúde através de seu caráter de auto realização e atualização da experiência humana, evidenciando respectivamente os benefícios que essas propriedades produzem ao articular trocas experienciais entre instâncias

¹ Dada a sua importância para os objetivos da pesquisa e a representação fidedigna para com o referencial bibliográfico utilizado, a Criatividade, bem como, Processos Criativos, Saúde Mental, Psicologia da Saúde, Bem-Estar Subjetivo e Tendência Atualizante serão grafados com suas respectivas iniciais em maiúsculo.

subjetivas e socioculturais que desenvolvem estratégias de enfrentamento e resolução de problemáticas cotidianas.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Compreender as implicações da Criatividade enquanto Tendência Atualizante frente ao desenvolvimento humano e seu papel no âmbito da promoção à saúde mental humana.

2.2 Específicos

- Conceituar a criatividade dentro da perspectiva atual, evidenciando nuances e suas distorções;
- Apresentar a dinâmica criativa como forma de expressão subjetiva pertencente ao campo da Tendência Atualizante presente na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP;
- Identificar a importância, as implicações subjetivas e sociais decorrentes do desenvolvimento do processo criativo;

3 METODOLOGIA

Segundo Gil (2002) através do levantamento e a análise racional e sistemática de dados é possível formular respostas a uma proposta de pesquisa. Uma pesquisa se torna necessária quando existe uma falta de informações que respondam satisfatoriamente um questionamento científico. Desta forma a proposta da pesquisa em questão visa o levantamento bibliográfico. “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002).

Os critérios de busca utilizados para a sua realização são: Processos criativos, saúde mental, criatividade, subjetividade humana. O levantamento bibliográfico teve início em março de 2016, tendo como base referencial 8 artigos científicos, 5 dissertações de mestrado, 1 tese de doutorado, 1 trabalho de conclusão de curso, 9 livros, 6 cartilhas – incluindo a Declaração Universal dos Direitos Humanos e um módulo de especialização em Saúde Mental organizado pelo Núcleo de Educação em Saúde Coletiva – NESCON

Foram utilizados artigos científicos indexados e publicados nas respectivas plataformas: Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) utilizando os seguintes descritores: Criatividade; Saúde Mental; Desenvolvimento Humano; Processos Criativos. Para compreender os objetivos de pesquisa foram utilizadas dissertações de mestrado e teses de doutorado publicados na Biblioteca de Teses e Dissertações da USP utilizando como descritores: Saúde Mental; Acolhimento. A Biblioteca Júlio Bordignon da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA situada em Ariquemes – RO foi consultada para a realização da pesquisa com a utilização de livros de suas dependências. Através da Plataforma Digital Minha Biblioteca – FAEMA uma pesquisa complementar foi realizada com a utilização de e-books disponibilizados pela plataforma. Também foram consultados documentos oficiais e cartilhas publicadas através da Organização Mundial da Saúde – OMS, Ministério Público Federal, Ministério da Saúde e Secretaria de Atenção à Saúde, bem como a Constituição de 1988.

Para os critérios de inclusão e exclusão do levantamento de referencial bibliográfico da pesquisa foram considerados como critérios de inclusão; proximidade da temática apresentada pelo referencial com os objetivos da monografia, publicações que abrangessem o âmbito da promoção da Saúde Mental independentes de ano de publicação, e como critérios de exclusão: referenciais que enfatizassem apenas a historicidade e as políticas públicas relacionadas à temática sem que houvesse sua devida problematização e aprofundamento.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 SAÚDE MENTAL

Em um primeiro momento se faz necessário delimitar o que atualmente entende-se por Saúde Mental em uma área abrangente como a psicologia, mesmo que em muitas situações, suas definições em meio às práticas profissionais psicológicas possam se apresentar indivisíveis na formação dos profissionais da saúde (CAMON, 2011, p.01)

A Saúde Mental, como é definida pela Cartilha Direito à Saúde Mental organizada pelo Ministério Público Federal e a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, é um direito e dever fundamental de todo e qualquer cidadão, que, assegurado através da Constituição Federal de 1988, sob a responsabilidade do Estado, por meio do art. 196, visa a redução do risco de doenças e de outros fatores agravantes ao acesso universal e igualitário aos serviços de promoção de saúde, sendo estes serviços: a prevenção, proteção e recuperação deste direito do cidadão no que se refere à integridade do ser humano (BRASIL, 1988).

A questão levantada através da proposta estabelecida pelos Direitos Humanos reformulou a visão acerca da Saúde mental que, agora, objetiva não somente tratar questões de integridade física, mas também de bem-estar mental, intelectual e emocional. (BRASIL, 2012). Brito (2011) aprofundando seus conhecimentos através de estudos realizados por Rocha (1999) na área da Saúde Mental, disserta acerca do reconhecimento da saúde como um direito fundamental dos seres humanos:

Com a reorganização política internacional em meados dos séculos XX e a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), os direitos humanos foram reconhecidos em diferentes instrumentos internacionais e caracterizados por sua indivisibilidade e interdependência. Nesse contexto, os direitos civis e políticos e os direitos sociais, econômicos e culturais foram aclamados como direitos de todos os seres humanos. (BRITO, 2011, p. 18)

No entanto, as modificações no âmbito das Políticas Públicas de Saúde, não tornaram possível ainda nos dias atuais, garantir a todos o direito à Saúde Mental de forma igualitária. A Saúde Mental ainda é uma condição da qual poucos podem

desfrutar. E muito disto se dá pelo fato de que as práticas empregadas no contexto social brasileiro remetem as intervenções medicamentosas e instrumentos de patologização da condição humana. As dificuldades em abandonar o modelo tradicional de institucionalização da doença é um desafio para o campo da saúde, pois a estrutura social responsável pela exclusão do indivíduo e a valorização da doença mental produziu o sentimento de intolerância para com o sofrimento mental. (MUNARI, et al, 2008).

Munari et al (2008) complementa:

Cabe aos profissionais de saúde o grande desafio de buscar estratégias e recursos materiais e afetivos para a reconstrução da relação cotidiana da pessoa com a família e com os equipamentos sociais, para a reconstrução de lugares de sentido, de troca, de contratualidade e de bem-estar (MUNARI, et al, 2008, p.788).

O bem-estar, assim como a saúde mental é um conceito que possui uma representação palpável no âmbito social, e por meio disto, seu conceito assume um caráter abstrato e intangível que se constitui através da singularidade da relação de cada indivíduo, assumindo diversas conceituações, características, formatos e construções que se constroem e se desconstroem de acordo com as manifestações subjetivas do indivíduo em interação com o seu meio. Assim Camon (2011) retrata que:

É difícil dar-lhe uma definição que satisfaça a todos, embora possamos afirmar que ela compreenda o estudo do comportamento e das experiências humanas e animal, examinada sob diferentes ângulos e variedade de técnicas, muitas das quais enfatizam a importância da evidencia empírica como suporte da explicação teórica (CAMON, 2011, p.01)

Uma análise aprofundada da conceituação da Saúde Mental em seu âmbito psicológico requer um prisma amplo e diversificado que necessita ter em seu cerne a consideração pela realidade individual como sendo objeto principal de estudo. Neste sentido, a Psicologia da Saúde se apresenta como sendo a detentora da lógica que mais se aproxima da consideração da singularidade de cada indivíduo e de suas relações estabelecidas com o ambiente, bem como as transformações sociais apresentadas por este meio, que, proporcionam igualmente, uma via de interdependência entre a realidade social e a realidade do indivíduo em questão. Segundo Camon (2011), a Psicologia da Saúde se manifesta através de:

Um modelo ampliado pelas diversas áreas do conhecimento, que se solidificam e se harmonizam na tentativa de compreensão dos diferentes

desequilíbrios emocionais, físicos e sociais, e que de maneira soberana possam se colocar junto com outras áreas da saúde para contribuir com o balizamento preciso da compreensão do sofrimento vivido pelo paciente. (CAMON, 2011, p.06).

As divergências que sucedem o estudo da Saúde Mental se apresentam devido seu caráter singular de cada e para cada indivíduo – aspecto que torna obsoleto qualquer estudo que busque estimar a Saúde Mental sem refletir sobre a existência de conteúdos não mensuráveis por meio da utilização de métodos científicos de análise e interpretação substancial de dados estritamente observáveis, o que acaba por limitar a compreensão deste campo e sua totalidade. O reconhecimento da necessidade da ampliação do campo de estudos referentes a Saúde Mental, e a sua inserção em um contexto social, cultural e biológico deve ocorrer por meio da adoção de perspectivas de estudo que permitam considerar o seu objeto de estudo em sua integridade existencial (CAMON, 2011, p.02).

A visão apresentada por Camon (2011), se assemelha ao que foi estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1943) ao considerar que a saúde não corresponde somente a um estado de inexistência de doença física que acomete unicamente o corpo, e sim uma dinâmica que é constituída de três instâncias que se relacionam de forma ininterrupta, sendo elas o bem-estar físico, mental e social.

O reconhecimento da existência dessas instâncias que constituem o estado de saúde mental do indivíduo leva ao questionamento dos modelos tradicionais de promoção à saúde que, posteriormente favoreciam o isolamento e a privação de indivíduos que apresentassem sintomas indicadores de doenças.

Este método caracterizou-se pela criação de centros de institucionalização que tinham por objetivo higienizar a sociedade de indivíduos acometidos por transtornos mentais ou doenças do gênero e, por meio da privação social, ‘descontaminar’ a sociedade daqueles que para ela eram desajustados e indignos de pertencimento. O pertencimento social era reservado aos casos onde o homem se apresentasse como sadio, física e mentalmente (MOURA; BOARINI, 2012)

As ações higienistas tinham um caráter preventivo e com a finalidade de curar a mente humana que sofria com as consequências da popularização urbana que ocasionava constantemente situações conflituosas que causavam o desajuste da percepção, personalidade e conseqüentemente o desajuste da sociedade. Ao dar seguimento à lógica higienista, pode-se considerar que a família desajustada

representava um malefício para a sociedade, pois somente um ambiente familiar ajustado poderia gerar frutos higienizados mental e moralmente para pertencer à sociedade. Nesse sentido, a mobilização de indivíduos desajustados para os centros de institucionalização, tinha como objetivo o desligamento do indivíduo para com sua família. (MOURA; BOARINI, 2012)

Através da luta para reaver seus familiares que, trabalhadores da área da saúde tornaram possível a prática humanizada da saúde, bem como a consolidação dos direitos humanos para o devido enfrentamento manicomial. Consolidando discussões e por fim, modificações reais no modelo de saúde adotado pelas instituições psiquiátricas brasileiras criando serviços voltados para a reinserção dos indivíduos institucionalizados aos seus ambientes sociais de origem por um modelo de serviços comunitários com forte inserção territorial e com pressupostos pautados na atenção psicossocial (BRASIL, 2013).

Diante das intervenções recorrentes no âmbito da Saúde Mental, que se tornou possível qualificar a diversidade como uma característica do ser humano, possibilitando condições para que novos modos de vida pudessem emergir e finalmente a promoção da saúde fosse alcançada, mesmo que isso não ocasionasse uma cura da doença e sim, o respeito da mesma por seu significado subjetivo. “Isso significa acreditar que a vida pode ter várias formas de ser percebida, experimentada e vivida” (BRASIL, 2013, p.23).

Neste sentido, a perda da saúde física, mental, e emocional nesses centros de institucionalização era algo eminente, pois “Somos, cada vez mais, propensos a entender os fenômenos de nossa vida cotidiana como algo em constante transformação e movimento” (PEREIRA, et al. 2013, p. 22). Nestes centros de institucionalização a transformação e o movimento social eram negados aos indivíduos, sendo colocados em um estado de inércia existencial por meio do extravasamento de aparatos medicamentosos e experimentais que visavam recobrar a parcela saudável destes indivíduos à força sem realmente compreender o que estes sintomas significavam para o indivíduo acometido (PEREIRA, et al. 2013).

Fica evidente para Pereira et al. (2013) que a perda da saúde se justifica pelo fato de que:

Nenhum fenômeno, por menor que seja, tem sua origem definida apenas por uma única matriz. Compreender o mundo atual nos direciona, com mais frequência, a percorrer caminhos diversos: o social, cultural, biológico, econômico e psíquico. Entretanto, ainda existe a tendência a buscarmos a

causa biológica como o fator desencadeante da maioria das doenças em detrimento de outras causas de igual importância (PEREIRA, et al. 2013, p.22).

Qualquer doença pode ser compreendida quando analisada através de constructos que permitam identificar seu significado individual e o contexto social na qual está inserida. Os estados de bem-estar físico, mental por se apresentarem de forma diversificada, tornam possível fundamentar que o desenvolvimento da autonomia do indivíduo está em sua integridade com sua identidade social e sua identidade subjetiva que possibilita percorrer sua vida de forma saudável, a singularidade de cada indivíduo, ao ser respeitada promove a Saúde Mental, pois a conduta e o comportamento dos seres humanos são relativos. Através da experiência subjetiva que a sociedade e os indivíduos determinam o que é certo e o que é errado (PEREIRA, et al. 2013).

Seguindo este pensamento, todos os indivíduos possuem em suas relações a possibilidade de assumir diversos papéis e identidades que irão se modificar com o passar do tempo devido à qualidade, intensidade e a quantidade de relações constituídas a partir de sua história. Através dessas modificações novos vínculos e identificações descobertas, e novas capacidades para representar esses papéis são formuladas utilizando-se de sua base cultural única (BRASIL, 2013).

Dessa forma, as representações culturais podem ser interpretadas como parte constituinte da subjetividade humana e responsável por influenciar a visão de mundo que o indivíduo adota e com isso, também são formuladas suas concepções do que vem a ser saúde e doença. Em consequência disto, são fundamentadas considerações pessoais e coletivas acerca do que é normal e o que é patológico dado o convívio social, evidenciando atitudes que são consideradas adequadas e necessárias para a resolução de problemas sociais (BRASIL, 2013).

Pereira (2013) se utiliza dos pressupostos de Foucault (1978) em “História da Loucura na Idade Clássica²” para chegar à constatação de que:

Todo estado de saúde e doença é determinado, portanto, pela cultura na qual o sujeito se insere. Para Foucault (1978, p.186). “O louco não pode ser louco

² O livro está historicamente centrado na época clássica, detidamente estudada, tanto do ponto de vista da prática do enclausuramento do louco, quanto no que diz respeito à relação da teoria da loucura com a medicina: o estudo do Renascimento tem a função de balizar e esclarecer a concepção clássica da loucura e o confinamento do louco em instituições de reclusão. (...) desmascara as imagens que dão à psiquiatria o mérito de ter possibilitado à loucura ser finalmente reconhecida e tratada segundo sua verdade, mostrando o caminho que a história precisou seguir para que a psiquiatria tornasse o louco doente mental (MACHADO, 2006)

para si mesmo, mas apenas aos olhos de um terceiro que, somente este, pode distinguir o exercício da razão da própria razão”. Portanto a, maneira como entendemos e lidamos com a saúde e o transtorno mental está inscrita no mundo social-histórico e é definida pela cultura e é legitimada pelo senso comum. Nas relações que o sujeito mantém com o seu grupo e classe social é construída uma rede de significados que apontam a saúde e a doença como construções de sua cultura. (PEREIRA, 2013, p.22 e 23).

Foucault (1978) em seu livro “História da Loucura” apresenta que a conceituação acerca da loucura evoluiu de acordo com as percepções histórico-culturais que as Sociedades Clássicas construíram ao seu redor. Neste âmbito, é enfatizada a visão da loucura que se fez presente no século XVIII, onde a sociedade considerava o louco como sendo aquele que ao mesmo tempo pertence e não pertence ao seu meio social de origem, aquele que possui todas as condições para ser detentor da razão, mas opta em muitos momentos pela não razão, ou seja, de não pertencer socialmente. (FOUCAULT, 1978).

O louco clássico era um ser que ao mesmo tempo possui aquilo que é mais positivo e mais negativo³ da sociedade. Se apresentava como um mal-estar dentro da sociedade ameaçando o estilo de vida burguês. O louco contaminava a sociedade por meio de sua fuga ao estilo burguês, e por meio disto, a sociedade buscava higienizá-lo e torna-lo disciplinado por expressar-se de maneira destoante do que era compreendido como verdade absoluta. (FOUCAULT, 1978). O discurso médico-higienista presente na época, segundo o autor tinha como objetivo governar para as elites através da racionalidade e uma razão que se utilizava de processos de normatização, padronização, aprisionamento e disciplina para os que se distanciavam das modalidades socialmente aceitas. (OLIVEIRA, et al. 2012).

Oliveira et al (2012) apresenta a modalidade higienista através das considerações da mesma ao assimilar a pobreza com tudo aquilo que era mais imundo na sociedade:

(...) a representação social do pobre estruturada sob as bases do discurso do estado associado ao médico-higienista, fundamentava-se em razão da assimilação da pobreza com a sujeira, a imundície, a doença, a degeneração moral e a perversão dos costumes. A pobreza e a sujeira são representadas nos textos elaborados por estes respectivos discursos, enquanto aspectos intimamente relacionados, ou até mesmo indissociáveis. O pobre se vê, assim, “encarcerado” em uma condição de existência na qual a sujeira faz

³ Na percepção do louco que se tem no século XVIII, estão inextricavelmente misturados aquilo que existe de mais positivo e de mais negativo. O positivo é a própria razão, mesmo se considerada sob um aspecto aberrador; quanto ao negativo, é constituído pelo fato de que a loucura, no máximo, não é mais que o vazio simulacro da razão. A loucura é a razão mais uma extrema camada negativa; é o que existe de mais próximo da razão, e de mais irredutível; é a razão afetada por um índice indelével: o Desatino (FOUCAULT, 1978, p. 206).

parte de sua vida cotidiana: no discurso do poder, ou nas representações que ele elabora sobre a pobreza, o pobre é quase sinônimo de sujeira, degradação moral, insubordinação, rebelião e atraso (OLIVEIRA, et al. 2012).

O pobre, assim como o louco era dotado de irracionalidade e imundice moral que deveria ser erradicada da sociedade, pois se apresentava como algo perturbador, tanto da ordem social quanto de si mesmos. A única maneira de conter a perturbação era a transformação deste ser irracional através da doutrinação, tornando-o um ser racional que pudesse fazer parte da organização social exercendo seus direitos e deveres para com a sociedade (COSTA, 2016). Nesse sentido, as considerações médico-higienistas apresentam que a solução possível para a cura da doença e a loucura seria o adestramento dos corpos e a inserção destes dentro da perspectiva social normatizada fabricando cidadãos higienizados aos olhos da elite moderna e civilizada. O tratamento higienista era justificado através do combate às doenças, a pobreza e a loucura, o que acabou por produzir um adestramento dos corpos, em conformidade com um projeto de civilização moderna, higienizada e educada através de princípios morais. (OLIVEIRA, et al. 2012).

A iniciativa para acabar com a tradição institucionalizadora da loucura, dos transtornos e das doenças mentais ocorreu após o término da Segunda Guerra Mundial e a instituição da Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH. As práticas utilizadas pelas instituições manicomiais foram questionadas devido seu caráter excludente e aprisionador, ferindo diretamente o art. I – Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade; e consequentemente os art. II, III, IV, V e VI da DUDH estabelecida pela Assembleia Geral das Nações Unidas – ONU, em 10 de dezembro de 1948.

No Brasil a luta pela redemocratização ocasionou o fim da tradição manicomial de institucionalização para adotar o modelo assistencialista de saúde, apesar de que por muitos anos a institucionalização ainda fosse considerada como promoção à saúde e cura definitiva para os transtornos e doenças mentais. O fim dessa tradição deixou evidente a todos, as condições sub-humanas nas quais os institucionalizados eram sujeitos nos hospitais psiquiátricos e objetivou a formulação de propostas para reivindicar condições humanas para os pacientes em questão (COSTA, 2016).

4.2 A PSICOLOGIA DA SAÚDE FRENTE À HUMANIZAÇÃO DA SAÚDE

Com o objetivo de integrar a condição humana à dinâmica existente entre a Saúde Mental e suas instâncias relacionais como o bem-estar físico, mental e emocional, a Psicologia da Saúde se estabelece como uma dimensão humanizadora. Esta busca por meio da promoção de saúde, integrar e compreender a complexidade da experiência humana a partir das circunstâncias que o mesmo vivencia, abandonando preceitos teóricos que abordam a condição humana como sendo fruto de meras reproduções de comportamentos previamente estabelecidos para dar valor às experiências verdadeiramente humanas. “(...) a psicologia da saúde seria a prática de levar o indivíduo/paciente à busca do bem-estar físico, mental e social, englobando, assim, a performance de uma abordagem que teria de incluir a participação de outros profissionais da área” (CAMON, 2011, p.02)

Entretanto, ainda que não exista uma delimitação formal, podemos enquadrar como sendo psicologia da saúde aquelas práticas que atuem em uma integração da saúde mental com a saúde física e social do paciente (...) É ainda aquela psicologia que considera a dor do paciente como única e que se debruça sobre ela para tentar compreender sua real dimensão e o modo pelo qual repercute na vida dele (CAMON, 2011, p. 05).

Amarante (2011) apresenta suas considerações acerca dessa complexa área do conhecimento humano que é a Psicologia da Saúde ao estabelecer que, visões simplistas e dualistas foram utilizadas para definir a Saúde Mental durante os anos que antecederam a Reforma Sanitária. Relutante em aceitar as definições que consideravam a saúde mental através do simples estado de ausência de sofrimento, doença e/ou desordem mental, o autor coloca em questão a forma na qual a psicologia se consolidou ao longo dos anos, questionando sua participação nas instituições psiquiátricas e suas contribuições na categorização, segregação e institucionalização do sofrimento alheio.

Através da Reforma Sanitária⁴ surge também o movimento da Reforma Psiquiátrica, que ao se fundamentar-se politicamente como um movimento social

⁴ Foi na década de 1970 que se consolidou o movimento denominado Reforma Sanitária, caracterizado não apenas por fazer denúncias contra a ditadura e os interesses econômicos nela envolvidos, mas ainda, por apresentar um projeto de transformação do sistema de saúde vigente, marcado pelo caráter centralizador, de nível federal, e por um modelo hospitalocêntrico de atenção (PEREIRA, 2013, p.28).

independente, busca assegurar os direitos fundamentais de cidadania para os usuários de serviços de atenção e/ou assistência psiquiátrica garantindo-lhes o direito de pertencer ao social. (PEREIRA, et al. 2013). "A psicologia há muito tempo, vem procurando expandir seus limites de atuação. A antiga categorização da psicologia clínica, educacional e organizacional adquire novos contornos e especificidades" (CAMON, 2011, p. 03).

Considerando as ideias apresentadas por Pereira e Camon, abrem-se espaços para discussões acerca da complexidade na qual se situa a Saúde Mental:

É importante assinalar que poucos campos de conhecimento e atuação na saúde são tão vigorosamente complexos, plurais, intersensoriais e com tanta transversalidade de saberes. Ao contrário da psiquiatria, a saúde mental não se baseia em apenas um tipo de conhecimento, a psiquiatria, e muito menos é exercida por apenas, ou fundamentalmente, um profissional, o psiquiatra. Quando nos referimos à saúde mental, ampliamos o espectro dos conhecimentos envolvidos, de uma forma tão rica e polissêmica que encontramos dificuldades de delimitar suas fronteiras, de saber onde começam ou terminam seus limites (AMARANTE, 2011, p.15 e 16)

A Reforma Psiquiátrica, possibilitou elaboradas propostas e ações que buscaram debater o modelo hegemônico de assistência psiquiátrica que era pautado quase que exclusivamente na institucionalização e medicalização, bem como suas práticas de segregação, exílio social e expropriação da autonomia daqueles que eram acometidos por doenças mentais – não somente doenças mentais, mas também aqueles que eram tidos como loucos pela sociedade devido seu distanciamento e/ou inaptidão para pertencer à 'normalidade' imposta por seu meio (PEREIRA, 2013). Fez-se necessária uma "(...) compreensão do homem que levasse em conta sua historicidade, sem sombra de dúvida, é um dos pontos que mais aparece nessa junção de novas alternativas de atendimento" (CAMON, 2011, p. 03)

Na história da atenção às pessoas com transtornos mentais no Brasil, por muito tempo o tratamento foi baseado no isolamento dos pacientes em hospitais psiquiátricos. Isso acabou gerando um grande contingente de pacientes afastados por longo tempo do convívio social e que precisam de especial apoio para a sua reinserção na sociedade (BRASIL, 2003, p.01)

Com o intuito de promover às novas concepções de saúde mental, diversos programas foram desenvolvidos por intermédio da Reforma Sanitária e Psiquiátrica, programas como CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), UBS (Unidade Básica de Saúde), Centros de Convivência, Grupos de Produção e Geração de Renda, Residências Terapêuticas e por fim, o Programa De Volta para Minha Casa, tornaram possível a compreensão de aspectos necessários para a existência de Saúde Mental

(BRASIL, 2012). As mudanças estabelecidas pela implementação dos programas de assistência psicossocial ficam claras na cartilha sintetizada pelo Ministério da Saúde e a Secretaria de Atenção à Saúde ao delimitarem através do Programa De Volta para a Minha Casa, a regulamentação ao acesso à assistência psicossocial de forma íntegra aos seus usuários sem que ocorra a institucionalização do usuário deste serviço.

O modelo de reabilitação institucionalizada passa a dar lugar ao acompanhamento e integração às necessidades do usuário, levando as práticas terapêuticas para fora do ambiente institucional com o intuito de possibilitar e potencializar usuários acometidos por transtornos e doenças mentais, assegurando seu bem-estar subjetivo e qualidade de vida através de sua reinserção social (BRASIL, 2003).

Os cidadãos, como sujeitos coletivos, pulverizam-se em suas características individuais, restringindo-se às suas peculiaridades de mulher, negro, judeu, homossexual, etc. (...) a política universalista/genérica passa a não ser mais efetiva ou mesmo legitimada por seus públicos-alvo. O cidadão exige, assim, políticas específicas, inscritas nos campos setoriais da diversidade existente entre a sociedade (COSTA, 2016. p. 44)

A reinserção do ser humano em seu meio social possibilitou inverter completamente a forma na qual a sociedade enxergava a Saúde Mental. A valorização do ambiente social e familiar como base para a construção subjetiva humana e a sua manutenção ao longo de seu desenvolvimento reestabelece uma relação de poder há muito retirada da perspectiva humana. “A própria peculiaridade de uma dada população com suas características socioeconômicas é considerada condição imprescindível (...)” (CAMON, 2011, p.03)

A Reforma Psiquiátrica, que trouxe consigo a possibilidade de inclusão de pessoas em sofrimento psíquico em um contexto dotado de sentidos social, político e existencial, foi resultado de uma mobilização de forças diversas que conclamaram a ação do Estado para a garantia dos direitos humanos e a geração das condições necessárias para a sua realização (BERTOLINO, 2012, p. 26)

Ao desinstitucionalizar as relações de saúde e doença, foi permitido ao indivíduo isolado retornar a participar socialmente e de se estabelecer por meio de relações que colaborassem com a formação de novas compreensões e perspectivas humanizadoras que viabilizaram alternativas para se obter saúde e se manter saudável frente às dificuldades do mundo externo. A perspectiva adotada pela saúde nos dias atuais busca, “(...) mais do que tentar explicar o sofrimento do paciente, tenta,

principalmente, compreender este sofrimento, articulando-o com a sua realidade existencial” (CAMON, 2011, p.05).

Uma psicologia que não precisa do enquadre limitador de um consultório e que, ao contrário, tem como campo de atuação a própria realidade de sua inserção. Uma psicologia ao mesmo tempo clínica, social, hospitalar e institucional e que, por isso, tem uma visão mais ampla dos conceitos de saúde. (CAMON, 2011, p.05)

A psicologia na qual Camon (2011) se refere, busca através de uma visão ampla, entender o homem contemporâneo em meio às exigências e urgências da sociedade sem que isso lhe traga descaracterização e sofrimento, permitindo ao mesmo tempo compreender as implicações existentes no contato subjetivo deste indivíduo com situações que lhe coloquem em frente a dificuldades, criando um ambiente que contribua para a troca de subjetividades e a obtenção de ferramentas e aparatos sociais necessários para a sua própria construção subjetiva, sejam essas condições favoráveis ou desfavoráveis, de caráter físico, mental e/ou emocional. “A valorização da noção e igualdade cedeu lugar à diferenciação, à liberdade de construção de identidade e à sobreposição do individual sobre o coletivo” (COSTA, 2016. p. 39).

A identidade nesse sentido se apresenta de forma multifacetada e contínua, podendo ser definida através de vários contextos sociais diferentes em determinadas etapas e momentos no decorrer da vida, agindo de maneira a modificar e individualizar as escolhas e compreensões de cada indivíduo. A noção de identidade fixa abre espaço para a perspectiva de uma identidade construída ao longo de toda uma vida (COSTA, 2016).

Ao permitir a constância da individualização da constituição de cada indivíduo como ser social são possibilitadas novas percepções subjetivas que adequam a experiência em questão de forma contextualizada e de acordo com a vivência atual, tornando-as subjetivas e singulares, abandonando a coletividade apresentada pelas experiências advindas por meio do domínio social. “Da mesma forma que os indivíduos são plurais e distintos, tudo têm de parecer individualizado, distinto” (COSTA, 2016. p.39).

5 CRIATIVIDADE E PROCESSOS CRIATIVOS

Este Capítulo tem por objetivo problematizar a Criatividade tendo em vistas, a qualidade de vida que esta proporciona, o Bem-Estar subjetivo e sua importância frente à Saúde Mental, e para isto, inicia-se a através do questionamento: Pode-se realmente dizer que a sociedade compreende significado do que vem a ser criatividade ou o que é ser criativo?

Por diversas vezes dentro da perspectiva social, características ou comportamentos recorrentes de uma dada parcela da população são utilizados com a finalidade de extravasar tais traços ou atributos sociais ao ponto de que se tornem um estereótipo, tendo por finalidade a padronização e a compreensão minimalista de processos complexos e dignos de aprofundamento. Esse mesmo processo de estereotipia ocorre na sociedade ao definir a Criatividade, resumindo o que antes era um complexo processo psicológico à um conceito que representa minimamente a capacidade dos seres humanos de se expressarem artisticamente através de telas de pintura, composições musicais, desenhos, danças, entre outras.

Isso significa que para a sociedade possui como consenso a noção de que a Criatividade nada mais é do que o ato de criação. O que por si só não está errado e nem mesmo distante do sentido verdadeiro da palavra “criar”; que descende do latim ‘*creare*’ expressando o ato de fazer ou criar algo novo, e do grego ‘*kraínen*’, que traz em seu significado traz a noção de realização, pois seu significado é, constantemente, associado ao longo dos anos ao ato de dar existência ou inventar algo novo expressando-se através do ato da criação (MACHADO, 2010).

Seguindo essa lógica evidencia-se que, para ser criativo é necessário dar origem a algo novo que apresente utilidade e valor, mesmo que esse valor seja monetário e/ou apreciativo, representando um valor real para a sociedade. Atualmente a sociedade interpreta esse ato de criação como algo físico e material.

Para Seabra (2007):

A criatividade é uma propriedade ou característica dos seres humanos que se converteu num valor de câmbio importante nas sociedades ocidentais. Ser “criativo” não é apenas o sinônimo de ser original, mas atualmente é uma ocupação de prestígio na nossa Sociedade (SEABRA, 2007, p.01).

Se faz necessária a apresentação de uma concepção de Criatividade que desconstrua os conhecimentos difundidos através de senso comum e a reconheça enquanto processo psicológico, em razão de que a visão idealizada de Criatividade atende apenas à uma característica exclusiva de poucos indivíduos que para a sociedade representa prestígio, assumindo valor e até mesmo sendo considerada como privilégio, talento, herança genética e dom divino concedido por uma divindade através de suas bênçãos àqueles que compreendem o mundo com outros olhos. (NOGUEIRA; BAÍA, 2006).

Segundo Seabra (2007):

(...) esta consideração não é única, já que também se propõe “criatividade” como definição deste fenômeno ou pode incluir, sob ele, o termo de prodígio, talento ou genialidade. Em qualquer caso, estes conceitos competem para definir o mesmo fenômeno (SEABRA, 2007, p.04).

Compreender o que realmente vem a ser a Criatividade foi impossibilitado ao longo de gerações devido a sua idealização como condição além da existência humana, bem como o seu engrandecimento como característica exclusiva. Lubart (2007) atribui a Guilford e Torrance (1950) a mudança de perspectiva que possibilitou a Criatividade deixar de ser vista como característica exclusiva e além da condição humana para dar lugar a Criatividade como capacidade intelectual resultante da conjunção de campos de inteligência distintos e da flexibilidade do pensamento. Através destes, foram evidenciadas diversas características intelectuais que possibilitaram enxergar a Criatividade como sendo uma operação intelectual divergente que fundamenta a capacidade do ser humano de formular novas ideias a partir de um único estímulo. Utilizar-se de um conjunto de operações intelectuais que permitem a ação do pensamento divergente objetivando encontrar soluções para situações e problemas verdadeiros de forma única denota Criatividade (LUBART,2007)

Apesar dessas considerações, a Criatividade ainda se encontra muito distante de seu real significado para muitos, ainda sendo taxada como pertencente ao campo das artes e afins. A Criatividade nos dias atuais é compreendida como um processo multifacetado, que relaciona diversas instâncias sociais como a família, escola, trabalho, cotidiano e é responsável por diversas transformações sociais e culturais, sendo considerado um processo psicológico positivo de se possuir (MACHADO, 2010).

Dentro dessa perspectiva, a família é o mais importante fator ambiental na sociedade, tendo como principal papel servir de modelo educacional, proporcionando às crianças, incentivo, apoio e nutrição para o seu desenvolvimento saudável durante os primeiros anos de vida da criança, mas também provendo experiências que sejam capazes de favorecer o desenvolvimento da autoestima e autonomia necessários para a expressão criativa. As relações estabelecidas ao longo da vida se tornam fundamentais para o desenvolvimento desta capacidade humana, na medida em que o ambiente relacional se expande para além do âmbito familiar, novas instâncias passam a determinar nosso potencial criativo, favorecendo ou desfavorecendo o seu desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2010).

Oliveira (2010) descreve o papel dos pais frente ao estímulo criativo:

Atitudes estimuladoras da criatividade por parte dos pais, segundo Amabile (1989), são: dar liberdade e independência com regras e limites justos; respeitar a individualidade de cada um e ensinar a expressar as emoções, porém sabendo ter controle emocional; estimular o desenvolvimento de valores; demonstrar que aprender não é somente ter notas altas; apreciar a criatividade e incentivá-la; possuir senso de humor; tecer críticas construtivas e não destrutivas enfim, fazer do lar um lugar para a criatividade morar (OLIVEIRA, 2010, p.85).

No entanto, o mesmo autor apresenta que um ambiente familiar repressor também possui capacidades para desenvolver a criatividade, através dos próprios mecanismos repressores que colocam a criança em um ambiente que não apresenta estímulos criativos frequentemente. Nesse ambiente escasso a criança aprende a valorizar esses estímulos e desenvolve urgências criativas para dar conta de seu ambiente repressor, passando a agir de forma compensatória em seu meio social enxergando pequenas inspirações, filtrando os aspectos ruins do mundo real e mergulhando em aspectos positivos de seu mundo imaginário, aumentando seu repertório de experiências explicando como os processos criativos sobrevivem mesmo em ambientes sociais que apresentem situações aversivas (OLIVEIRA,2010).

Um ambiente que apresente situações demasiadamente aversivas acaba limitando a expressão criativa do ser humano e impossibilitando a tomada de consciência de seus próprios sentimentos e a elaborar percepções que sejam condizentes com a sua subjetividade ocasionando um acúmulo emocional negativo que afeta diretamente a qualidade de vida e o estado de saúde mental no qual o indivíduo se encontra. A frustração e a angústia experimentadas ao adentrar situações

aversivas que não possibilitem saídas satisfatórias alteram a percepção do indivíduo e afetam as respostas criativas (OLIVEIRA, 2010)

A criatividade é evidenciada como sendo um processo significativo na vida do ser humano, sendo responsável pelo desdobramento das potencialidades inerentes ao desenvolvimento deste, impulsionando-o a buscar em suas capacidades formas de agir perante seu ambiente, buscando novos caminhos e promovendo inovação em suas capacidades desempenhando um processo de mudança e desenvolvimento pessoal e social. Instâncias que permitam estabelecer relações familiares, escolares, amizades, profissionais, entre outros, oferecem condições para o pleno exercício criativo e em sua grande maioria, possuem formas para incentivar o desenvolvimento da mesma. Porém, a valorização excessiva da racionalização da experiência humana ameaça a expressão criativa. (OLIVEIRA, 2010). Ao desconsiderar a parcela criativa dos seres humanos para funcionar puramente através de processos de racionalização, a sociedade acaba por romper ainda mais com a singularidade e a expressividade inata do ser humano, retirando-lhe sua capacidade de discordar e questionar imposições sociais padronizadoras.

Para Ostrower:

(...) a pessoa rígida, altamente racionalizada, vivendo em um meio cultural que em sua filosofia de vida é racionalista e reducionista, não seja capaz de criar, entretanto, consideramos essa consciência, repressiva e esmagadora, como uma deformação do consciente. (OSTROWER 1987, p.06)

Lubart (2007) busca compreender a criatividade como uma troca de ideias e experiências que proporciona resoluções para problemas de ordem social, intermediando as relações existentes entre o ambiente e a subjetividade humana, bem como as compreensões resultantes dessa interação, podendo variar de acordo com a cultura e a época na qual o indivíduo está inserido. Neste mesmo sentido, evolui o conceito da Criatividade à um nível de processo de transformação social obtida através do rompimento com as tradições sociais e culturais de origem do indivíduo, possibilitando a criação de novos paradigmas e inovações por meio da combinação de fatores intelectuais, subjetivos e ambientais.

Na visão de Ostrower (1987) criar se resume no ato de dar forma, e com isto, formar novas interpretações tendo como base a experiência subjetiva de cada ser humano. Pode-se compreender que o ato criador abrange a capacidade singular do ser humano ao se relacionar, ordenar, configurar e significar sua experiência de forma

intuitiva e única, demonstrando todo o seu potencial para modificar suas relações e seu mundo físico para realizar aquilo que condiz com sua própria personalidade e condição humana ao passo de que se modifica igualmente em resposta ao ambiente.

Novaes (1971) em seu livro “Psicologia da Criatividade” evidencia que, a Criatividade é uma característica fundamental para a evolução do homem enquanto ser social, pois agir de forma Criativa possibilita manipular de forma satisfatória seu ambiente, integrando de forma ativa, trocas entre suas experiências inter e intrapessoais responsáveis pelo descobrimento de novas potencialidades mentais e por meio destas transformações, passa a perceber não somente o seu ambiente, mas a si mesmo.

A percepção de si mesmo é uma característica intrínseca para o constante crescimento dos seres humanos e da própria sociedade, pois, movido por necessidades concebidas através da percepção de si mesmo, o ser humano passa a tomar consciência de quem ele realmente é. Ao tornar essas necessidades concretas através da percepção de si mesmo, o potencial criativo passa a transformar ativamente seu ambiente agindo como um fator de realização e transformação do mundo físico, da condição e experiência humana. A Criatividade está relacionada diretamente com descobertas, pois apresentam novas informações ao ser humano e com isto, simultaneamente, a possibilidade de criar e modificar seu próprio ambiente se reinventando de acordo com diversas situações sociais (NOVAES, 1971)

Isto quer dizer que, no ato de criar, a peculiaridade de cada indivíduo dá sentido à sua expressão criativa, satisfazendo suas necessidades e potencialidades internas com o objetivo de expandir o repertório de relações e experiências, tendo como resultado o crescimento pessoal de seu autor (MACHADO, 2010).

A concepção de Rogers (1997) precursor da Psicologia Humanista, apresenta por meio da Abordagem Centrada na Pessoa – ACP que o ser humano possui capacidades naturais para lidar com mudanças provenientes de seu ambiente sem que isso ocasione sofrimento ou a perda de características que façam parte de si mesmo, pois pode se atualizar de acordo com as condições que lhe são apresentadas, possibilitando aberturas para novas experiências, avaliações internas e externas e o desejo de comunicar-se de forma livre e espontânea caso sejam apresentadas condições que o favoreçam e proporcionem o sentimento de segurança e confiança pessoal para que isto ocorra (NOVAES, 1971).

Nesse sentido, Seabra (2007) apresenta suas considerações quanto a vivência criativa:

Viver a vida de forma criativa significa trazer a nossa perspectiva e os nossos talentos criativos singulares a todas as dimensões da vida. A criatividade não é um elemento adicional, algo extra para o qual é necessário encontrar-se tempo na vida ocupada. A criatividade é, em vez disso, uma maneira de realizar o que já fazemos de uma forma melhor, mais rica e mais produtiva (SEABRA, 2007. p.14)

Ao viver criativamente o indivíduo proporciona a si mesmo diversos atravessamentos subjetivos que contribuem para seu crescimento e com a maneira que o mesmo utiliza essas experiências para moldar suas relações e entrar em contato com características de sua subjetividade que tendem a enriquecer seu repertório e sua troca de relações. A percepção que o ser humano tem do mundo, da sociedade e a própria percepção de si mesmo fazem parte da redefinição de diversos conceitos básicos que promove em ambos um constante estado de modificação e de reconstrução de subjetividades que emergem a cada instante, fazendo com que o ser humano nunca se encontre duas vezes no mesmo momento em seu ambiente e nunca duas vezes nele mesmo (SEABRA, 2007). “A cultura serve de referência a tudo o que o indivíduo é, faz e comunica, à elaboração de novas atitudes e novos comportamentos e, naturalmente a toda possível criação” (OSTROWER, 1987)

Seabra (2007) apresenta o referencial de Venon (1989) para definir de forma consensual o fenômeno criativo:

(...) apesar da existência de diferentes aproximações conceituais sobre o fenômeno da criatividade, é possível encontrar um consenso relativamente à seguinte definição: “A criatividade é a capacidade da pessoa para produzir ideias, descobertas, reestruturações, invenções, objetos artísticos novos e originais, que são aceites pelos especialistas como elementos valiosos no domínio das Ciências, da Tecnologia e da Arte. Tanto a originalidade como a «utilidade» como o «valor» são propriedades do produto criativo, embora estas propriedades possam variar com o passar do tempo” (SEABRA, 2007, p.04)

Apesar do consenso existir, ainda existem variações culturais e de época que influenciam a concepção da Criatividade. A Concepção mais tradicional atribui valor ao produto material e observável do ato de criação. Enquanto isto, a concepção mais atual atribui valor ao movimento não observável presente nos Processos Criativos ao ocasionar o rompimento da experiência tradicional em sociedade e promover a adaptação da experiência subjetiva humana para condições mais favoráveis (LUBART, 2007).

Contudo, o produto observável do comportamento criador humano torna possível a expressão de características individuais do ser humano que dão origem a um produto externo a sua subjetividade em resposta direta ao seu ambiente, seja por meio de urgências, problemáticas, interesses pessoais, comerciais ou até mesmo o reconhecimento que este produto proporciona. Esse produto pode, ao mesmo tempo, ser resultante da maneira na qual o seu autor percebe o seu ambiente e reorganiza sua realidade, e não ser resultante de suas particularidades, sendo apenas uma réplica do produto original que é visualmente igual, mas que representa um significado particular para cada um de seus autores (NOVAES, 1971)

Nesse sentido, a valorização da Criatividade enquanto processo permite conceber a parcela não observável presente nas relações humanas que promovem transformações na organização subjetiva consciente do indivíduo. O Processo Criativo surge através de uma ideia inicialmente específica que representa pouco valor fora de seu contexto de origem, mas que é seguida por uma análise introspectiva responsável por causar um estado de excitação subjetiva frente as novas possibilidades que surgem com a descoberta de novos cenários, conexões, oportunidades e associações que resultam em uma experiência rica e proveniente de novas pontes neurais que interligam diversos campos de conhecimentos e informações. (NOVAES, 1971).

Diante disto, Novaes (1971) aponta que:

A criatividade implica basicamente em comportamento comunicativo destinado a transmitir alguma coisa a outras pessoas, diferindo essencialmente do comportamento informativo, na medida em que não pretende só transmitir informações, mas sim sentimentos, emoções e, por isto, é classificado como expressivo. Expressar um sentimento significa produzir modificações na situação ambiental que irão funcionar como estímulos capazes de provocar no observador reações emocionais equivalentes (NOVAES, 1971, p. 48).

Os Processos psicológicos que compreendem a Criatividade pertencem a um conjunto de processos mentais que são atribuídos à resolução de problemáticas. Consiste na tomada de conhecimento de diversos fatores que se apresentam como ausências de informação para o indivíduo e por meio dessas ausências de informação, se utiliza da experiência pessoal do indivíduo para formular hipóteses que possam corresponder a parcela ausente, articulando recursos necessários para produzir resultados favoráveis e originais (SEABRA, 2007).

Apesar da criatividade-produto e a criatividade-processo serem campos relativos perante a sociedade, ambas consistem em características que denotam a

autonomia e a originalidade dos indivíduos frente às dificuldades sociais ao expressar seu inconformismo com determinadas situações originando um produto e/ou um objeto que possa abranger a totalidade da problemática apresentada, e que também se expressam através de experiências que necessitem integrar determinados campos de inteligência, flexibilizando seus conhecimentos para utilizá-los de forma imaginativa e de forma empática com acontecimentos externos à sua subjetividade visando beneficiar e articular uma maior reciprocidade e receptividade externa e interna do ser humano que promove a auto atualização deste (NOVAES, 1971)

5.1 CRIATIVIDADE ENQUANTO TENDÊNCIA ATUALIZANTE: BEM-ESTAR SUBJETIVO (BES) E QUALIDADE DE VIDA (QV)

Rogers (1997) em sua obra descreve o ser humano como sendo um ser detentor de potencialidades inatas que o direcionam de forma positiva ao seu desenvolvimento e crescimento pessoal. A Criatividade nessa perspectiva responde à tendência do ser humano em se atualizar e se realizar de acordo com suas percepções e potencialidades, reorganizando características íntimas do funcionamento orgânico enquanto indivíduo para que se chegue a um estado de congruência, permitindo a comunicação consigo mesmo através da auto compreensão e auto conceituação evidenciando a relação íntima do ser humano com suas representações, experiências, sensações e simbolizações. “A imagem que ele tem de si, o que ele pensa que é, deve coincidir com aquilo que ele realmente é” (FORMOSINHO, 2006).

No ponto de vista de Rogers(1987):

Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a auto-compreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima, passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras. (ROGERS, 1987, p.45).

Ao estabelecer a Criatividade como ação construtiva e destrutiva da personalidade do ser humano que age de acordo com as necessidades que lhe são apresentadas. Rogers (1987), exemplifica o que foi descrito anteriormente nesta pesquisa como criatividade-produto e criatividade-processo, pois nesse sentido,

ambas fazem parte do mesmo princípio, a necessidade. Através da necessidade e a liberdade de expressão, variáveis criativas formulam expressões que podem tomar formas artísticas de fato, mas também podem resultar na criação de processos que desenvolvam a autoimagem, base da personalidade humana.

Ao mostrar que a criatividade responde de acordo com as necessidades do indivíduo de em realizar-se, os acontecimentos pessoais, as circunstâncias nas quais a vida é administrada e o ambiente onde são realizadas as trocas de experiências é o que irá delimitar a qualidade, a intensidade e a natureza criativa (MACHADO, 2010). Nesse sentido, Rogers exemplifica que:

(...) o indivíduo traz dentro de si a capacidade e a tendência, latente se não evidente, para caminhar rumo à maturidade. Em um clima psicológico adequado, essa tendência é liberada, tornando-se real ao invés de potencial. Isto se mostra evidente na capacidade do indivíduo para compreender aqueles aspectos da vida e de si mesmo que lhe estão causando dor e insatisfação, uma compreensão que investiga, por detrás do conhecimento consciente de si mesmo, aquelas experiências que escondeu de si devido à sua natureza ameaçadora (ROGERS, 1997, p. 41)

Ao se dispor a vivenciar o mundo de forma contínua e verdadeira, o ser humano ativa suas potencialidades que são mais íntimas e verdadeiras de sua personalidade, pois é através delas que o ser humano se identifica como diferente do outro e ao constatar isto, necessita compreender seu funcionamento orgânico em sua máxima capacidade, tornando-se envolvido de sua personalidade, funcionando de maneira plena para compreender de forma congruente seu sofrimento, seus medos, suas angústias, suas resistências ao se aceitar, ao aceitar o mundo como ele é e o mundo como o percebe. (FORMOSINHO, 2006)

Para que a Tendência Atualizante ocorra de forma plena no organismo é preciso estabelecer um ambiente onde haja possibilidades para o indivíduo se expressar intimamente enquanto ser potente, livre e genuíno. Um indivíduo distante de si mesmo em um ambiente não permissivo sente-se angustiado com sua própria existência, apresentando dificuldades, pois carece daquilo que faz dele singular. No entanto, um indivíduo que se encontra próximo de si mesmo apresenta uma abertura maior para experimentar o que para ele é desconhecido e a avaliar essas situações de acordo com seus estados internos (MACHADO, 2010).

Para Formosinho (2006):

À medida que o indivíduo vai se percebendo, essas percepções vão sendo organizadas no sentido de formar um todo coerente. Como o indivíduo tem

uma tendência a manter a imagem que tem de si mesmo, pois disso depende a consistência da sua identidade, as novas percepções que cada um tem de si só são aceitas quando podem se integrar na configuração existente. É por isso que algumas percepções são simplesmente rejeitadas, uma vez que não se ajustam à imagem de si, e outras são distorcidas para que possam se integrar a essa imagem. Negar e distorcer é simbolizar incorretamente (FORMOSINHO, 2006, p.11).

O que o autor entende por distorção de experiência que integrará de forma simbolizada e elaborada à imagem que o indivíduo tem de si mesmo, entendemos como o exercício do Processo Criativo. Agir de forma criativa dentro da perspectiva humanista significa utilizar-se de seus conteúdos internos para dar sentido e valor ao que muitas vezes é sujeitado ao ser humano contra a sua vontade pelo fato de pertencer a algo muito maior que sua própria existência, a sociedade. Através do Processo Criativo novas possibilidades são criadas, e flexibilizar a imagem que o indivíduo tem de si mesmo para tirar um aproveitamento maior de suas potencialidades e funcionar de forma orgânica e natural em suas relações (FORMOSINHO, 2006)

Mesmo que as possibilidades não se apresentem como o esperado o indivíduo criativo reage bem ao desconhecido e as descobertas, pois toda e qualquer experiência é compreendida como uma possibilidade de acertar e de errar, mas que ambas são positivas no sentido de que são aproveitadas como aprendizado promovendo a reorganização e elaboração do ato de existir frente as dificuldades enfrentadas que só tem a enriquecer mais a sua existência. O criativo fundamenta-se na flexibilidade, maleabilidade, tolerância às situações que possam evocar sentimentos de insegurança ou dúvida e a incapacidade de assimilar novos conteúdos. A dificuldade em mudar quando se é necessário e se adaptar a novas condições sociais na tentativa de evitar o sofrimento evidencia um fraco desempenho do Processo Criativo (MACHADO, 2010).

A expressão da potencialidade criativa como Tendência Atualizante nessa situação pode estar ocultada no organismo do indivíduo que sente necessidade de defender-se de possíveis agentes externos que lhe causem algum dano real e sofrimento psicológico. Através desta constatação e a urgência em evitar essa situação estressora, o ser humano nega sua própria percepção de si e do mundo enquanto ser potente, causando a si mesmo o aprisionamento de suas potencialidades. O resultado disto reside no acúmulo de energias e emoções que comprometem seu funcionamento orgânico e natural que por consequência interfere

na qualidade de vida do indivíduo, sua felicidade e sua própria saúde mental. (ROGERS, 1997).

Formosinho (2006) descreve alguns dos mecanismos de defesa que são prejudiciais ao organismo como:

Os comportamentos destrutivos, anti-sociais e desajustados seriam mecanismos de defesa para proteger o sujeito de um ambiente percebido como ameaçador. Não fazem parte, portanto, da natureza humana, mas representam uma distorção das características do homem. Na visão rogeriana, o homem se utiliza da racionalidade para atingir objetivos satisfatórios ao seu organismo, como necessidades de atualização e de integração de experiências e vivências (FORMOSINHO, 2010, p.08)

Para o autor acima, o indivíduo ao responder de forma incongruente com a sua experiência e com seu organismo provoca uma ruptura na integralidade de sua personalidade, perdendo a capacidade de se auto atualizar e auto conceituar novos componentes que se apresentem em sua vivência e que por fim, não são representados ou elaborados de forma funcional. Nessa situação Processos Criativos não se desenvolvem de forma a integrar o indivíduo consigo mesmo e com sua experiência tendo que recorrer aos mecanismos de defesa para dar conta da experiência que se apresenta destoantes, organizando de forma seletiva e deformada experiências que não correspondem a totalidade da personalidade do indivíduo. Neste sentido, a experiência de Rogers constata que o ser humano apresenta em seu organismo desde o seu nascimento uma motivação auto realizadora que regula constantemente o funcionamento do organismo ao prover a satisfação do mesmo através da tendência à atualização. (ROGERS, 1997)

A capacidade do indivíduo em fazer uma avaliação subjetiva de auto conceituação quando a sua qualidade de vida, evidencia que características como a felicidade, satisfação e afeto positivos e negativos influenciam a maneira na qual ele enxerga e conceitua seu estado de Bem-Estar Subjetivo (BES) que é resultante de processos subjetivos que compreendem o afeto e a cognição humana. Com este objetivo, a conceituação de BES se divide em duas vertentes. A primeira busca apresenta-la enquanto felicidade, através de características, necessidades e desejos que se expressam de forma coletiva para toda a espécie humana sem levar em consideração a influência que os processos psicológicos têm sobre a qualidade de vida (QV). A segunda pretende estudar o BES enquanto processo psicológico, considerando a experiência de vida do ser humano e dando ênfase a presença de

estímulos positivos e a ausência de estímulos negativos que influenciam os estados de BES e a avaliação da QV e a própria felicidade resultante das relações entre indivíduo e ambiente (GIACOMONI, 2004).

A felicidade é considerada em muitos aspectos pela sociedade como responsável por impulsionar a conduta humana. Infelizmente, com o passar do tempo e a influência do capitalismo a concepção de felicidade passou a ser confundida com a aquisição e manutenção de bens materiais, mesmo que a aquisição de bens ou a falta deles influencie diretamente os estados de felicidade experimentados pelos indivíduos. A felicidade obtida através da aquisição não compreende a subjetividade humana e sim os desejos que nela incidem, não representando fielmente a totalidade deste processo subjetivo de ordem emocional (GIACOMONI, 2004).

Os estados de felicidade que estabelecem a qualidade das relações humanas são determinados por características pessoais da personalidade de cada indivíduo. Rodrigues (2007) utiliza-se da segunda vertente do BES para determinar que existam grupos de características específicas que predisõem o ser humano a sentimentos negativos e positivos provocando neste, um estado de humor ou ânimo que modifica sua conduta, suas relações e conseqüentemente a QV.

Utilizando-se de Rogers (1987), é possível elencar o conceito de predisposição apontada por Rodrigues (2007) ao reflexo de sentimentos (um dos tipos de resposta reflexo proposta por Rogers) provenientes dos estados de congruência e incongruência do indivíduo que se transfere para suas relações com o ambiente. Caso o indivíduo se apresente de forma incongruente, sua expressividade deixa de se relacionar de forma autêntica e a comunicar sua realidade, ocasionando desde acúmulos de sentimentos negativos que propiciam infelicidade, angústias e frustrações, até mesmo a diminuição da percepção de qualidade de vida. Caso o indivíduo se apresente de forma congruente, a predisposição a sentimentos positivos resultará em condições facilitadoras para a expressão autêntica de sua subjetividade e com isto, a coragem necessária para ser congruente mesmo quando suas relações não proporcionam condições favoráveis para que o indivíduo possa se tornar genuinamente aquilo que deveria ser, tornando-se um, por meio de sua experiência subjetiva.

Com isto, a predisposição a sentimentos positivos que elevam os critérios de qualidade de vida do ser humano se expressa através da autenticidade de suas relações e sentimentos. Viver de forma autêntica com os sentimentos permite

descobrir formas de compartilhar a experiência individual enquanto social de maneira ativa e libertadora

Para Rogers (1987):

Uma capacidade de ser mais autêntico, que provoca, em troca, uma maior autenticidade nos outros. E, conseqüentemente, uma maior liberdade para dar e receber amor. Estes, em minha experiência, são os elementos que tornam a comunicação interpessoal enriquecedora e acrescentadora. (ROGERS, 1987, p.27).

Nesse sentido, a Criatividade proporciona condições necessárias para a expressividade e para a QV, pois a Criatividade é essencialmente uma emoção motivadora que promove o crescimento e desenvolvimento pessoal definindo de forma saudável, medidas para consolidar a consciência do ser humano com o seu mundo favorecendo o BES e consolidando a saúde mental através do ato criativo em ambientes que não sejam favoráveis à expressão genuína da potencialidade humana.

Diante disto, Oliveira (2010) conclui que:

A criatividade leva a um processo de mudança e desenvolvimento pessoal e social, e deveria fazer parte da vida de cada um, bem como ser sempre incentivada em todos os ambientes onde a pessoa vive. A pessoa que quer se tornar criativa deve buscar novos caminhos, ser inovadora, ousada, curiosa, apaixonada pelo que faz e correr atrás de sonhos (OLIVEIRA,2010, p. 90)

Rodrigues (2007) segue seu pensamento através da concepção de predisposição positiva e negativa de características subjetivas que influenciam diretamente a relação entre os afetos do ser humano. Nesse sentido, o Bem-Estar Subjetivo (BES) determina que a felicidade é proveniente de um estado de avaliação contínua do quesito qualidade e satisfação de vida, incluindo como característica primordial para a felicidade a frequência na qual, afetos prazerosos são apresentados e a ausência ou baixa frequência de afetos que não proporcionem prazer.

No entanto, assim como o Processo Criativo, o BES apresenta em sua construção aspectos que não correspondem apenas à parcela afetiva e emocional do ser humano. Aspectos racionais e intelectuais pertencentes a parcela cognitiva do ser humano são apresentadas como componentes necessários para o aprofundamento do que vem a ser a felicidade (GIACOMONI, 2004).

Giacomoni (2004) utiliza as concepções de Diener (1984) que ao elaborar que a concepção do BES não depende exclusivamente da presença de fatores prazerosos, ausência de fatores não prazerosos e da experiência individual, depende

também de aspectos biológicos, culturais, sociais e econômicos que determinam a satisfação que o indivíduo sente experimentar os afetos. Ryff e Keyes (1995) tornam possíveis a análise do BES como parte constituinte do Processo Criativo e conseqüentemente da Tendência Atualizante ao a elaborarem enquanto processo multifacetado que promove igualmente constructos trabalhados na Abordagem Centrada na Pessoa, onde o indivíduo é naturalmente livre e autêntico em suas relações e se reconhece como uma força ativa, dotada de potencialidades que irão fundamentar a suas compreensões de seu mundo interno e externo, evocando a capacidade de se atualizar de forma criativa em direção à maturação de seu organismo e tornando possível integrar desenvolver sua personalidade de forma plena para compreender a vida de forma integrada, mesmo que isso lhe ocasione dor e satisfação em dados momentos.

Compreender a Tendência Atualizante pertencente aos Processos Criativos acrescenta ao seu valor a noção de o ser humano naturalmente anseia se expressar de forma verdadeira e singular em todos os aspectos que lhe cabem. A Criatividade nesse sentido é compreendida como a força motivadora por trás das relações humanas, dos afetos e dos desafetos em direção a auto realização. É a necessidade do ser humano em tornar-se quem ele realmente é, de e tomar conhecimento de que é possível viver plenamente expandindo-se cada vez mais as relações e a experiência humana para fins de amadurecimento, crescimento e aprimoramento da experiência de tornar-se pessoa. (ROGERS, 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que os objetivos dessa pesquisa corroboraram para uma maior compreensão acerca do real significado do que vem a ser a Criatividade em uma perspectiva psicológica social, desconstruindo e desmistificando distorções construídas socialmente que a interpretam através de um grupo de características e expressões artísticas exclusiva àqueles que possuam dons e/ou talentos para tal. Muito ainda tem a ser redefinido acerca da Criatividade na atualidade e ainda existe uma grande confusão em sua conceituação que, na grande maioria das vezes ignora sua parcela enquanto processo psicológico.

Socialmente, a Criatividade recebe um *status* privilegiado, sendo aclamada por pessoas que a valorizam enquanto produto. Com isto, os ganhos particulares que as pessoas possuem ao se apresentarem criativamente não permite que ela seja analisada sob uma nova perspectiva, pois assim, seu *status* de privilégio será refutado e perderá seu valor frente à sociedade, tornando-se uma característica comum a todos os seres humanos – o que, com o final da pesquisa, se mostrou verdadeiro, pois a Criatividade nada mais é do que uma potencialidade presente em todos os seres humanos, mas sua natureza, qualidade e intensidade pode alterar de acordo com a experiência individual.

Outro aspecto apresentado durante a pesquisa diz respeito à potencialidade como uma tendência inata para a auto realização e auto conceituação da experiência subjetiva. A realização pessoal é apresentada por Rogers como força motivadora responsável pela evolução humana e a atualização da sociedade com um só, promovendo nela e no indivíduo modificações verdadeiramente positivas.

Através do embasamento apresentado nesta pesquisa, tornou-se possível conceber a Criatividade como constructo significativo que promove à saúde mental e o desenvolvimento pleno das capacidades mentais, intelectuais, cognitivas e emocionais. Esta ação se dá através da integralização dessas capacidades psicológicas e o processo criativo que se apresenta inserido de forma inata em cada ser humano ao entrar em contato com a flexibilização do pensamento e a interação entre campos de conhecimento inicialmente distintos, e torna possível formular novas ideias sob diferentes ângulos a partir de um único estímulo.

A Criatividade, nesse sentido, busca integrar todo um conjunto de processos mentais atribuídos à resolução de problemas de ordem social. Como parte dos objetivos da pesquisa, a criatividade foi analisada através da perspectiva de Carl R. Rogers, a qual permitiu compreendê-la enquanto Tendência Atualizante da condição humana que visa realizar-se de acordo com suas percepções e potencialidades. Reorganizando assim características íntimas de seu funcionamento orgânico para atingir um estado de congruência entre suas exigências internas e externas, o que permita a comunicação consigo mesmo através das suas representações, experiências, sensações e simbolizações singulares.

No entanto, o ser humano passou a se distanciar cada vez mais de suas características singulares e de sua individualidade, dando espaço para necessidades sociais que não correspondem à sua percepção, abandonando características de sua personalidade e sua expressão genuína e natural de seu organismo. O abandono das potencialidades que compreendem a personalidade modifica estruturas de percepção do mundo a sua volta e a percepção de si mesmo. Tendo isto em vista, não é incomum encontrar indivíduos que desconhecem a razão pela qual existem ou que desconhecem o significado de suas ações, pois estes, deixaram de entrar em contato consigo mesmos e por consequência não atingem a congruência e o funcionamento pleno de seus organismos ocasionando a incapacidade do indivíduo em se realizar.

A proposta desta pesquisa buscou instigar a noção de que a Criatividade não remete apenas a parcela artística do ser humano e sim a todas as parcelas que constituem sua personalidade e que sem isto o ser humano se encontra impossibilitado de elaborar sua experiência subjetiva de forma efetiva e com isto, elaborar novas considerações perante a Criatividade, para que suas nuances sejam estudadas com um maior aprofundamento. Acredita-se que esta pesquisa seja o início de um vasto campo, ainda pouco explorado, a ser pesquisando.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. 3ª Edição. Ed. Fiocruz. Rio de Janeiro, 2011;

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/15261/constituicao_federal_35ed.pdf?sequence=9>. Acesso em: 04 de Outubro 2016;

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Programa De Volta para Casa**: Liberdade e cidadania para quem precisa de cuidados em saúde mental. Brasília – DF. 2003. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prog_volta_para_casa.pdf>. Acesso em: 02 de Outubro 2016;

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos Humanos. **Direito à Saúde Mental**. Porto Alegre – RS. 2012. Disponível em: <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/saude-mental/direito_saude_mental_2012>. Acesso em: 21 de Setembro 2016

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde Mental**. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Cadernos de Atenção Básica. Editora MS. Brasília – DF. 2013. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_34.pdf>. Acesso em: 16 de Outubro 2016;

BRITO, Emanuele Seicenti de. **O Direito Humano à Saúde Mental: compreensão dos profissionais da área**. 2011. p.126. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – USP, Ribeirão Preto, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-28112011-160938/pt-br.php>>. Acesso em: 04 de Outubro 2016;

BERTOLINO, Neto. MM. **Atenção em Saúde Mental na Estratégia de Saúde da Família: Uma descrição na ótica de suas equipes**. Dissertação (Mestrado). 2012. p. 142. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012, Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-12032012-114447/pt-br.php>>. Acesso em 04 de Outubro 2016;

CAMON, Valdemar A. A., O Ressignificado da Prática Clínica e Suas Implicações na Realidade da Saúde. In: **Psicologia da Saúde: um novo significado para a prática clínica**. 2ª Edição. Ed. Cengage Learning. São Paulo, 2011;

COSTA, Maria Izabel S. **Saúde Mental e os Novos Paradigmas de Cidadania e Inclusão Social na Sociedade Contemporânea**. 2016. Tese (Doutorado) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo – USP. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-29032016-142711/en.php>>. Acesso em 09 de Outubro 2016;

DIENER, Ed. Subjective Well-Being. **Psychological Bulletin**, 95, 542-575. 1984;

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. Editora Perspectiva S.A. São Paulo. 1978;

FORMOSINHO, José Eduardo de **A. Rogers: Psicoterapia e Subjetividade – Uma Reflexão Crítica**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). 2006. p. 42. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2927/2/20211587.pdf>> . Acesso em: 04 de Outubro 2016;

GIACOMONI, Claudia H., Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. Universidade Federal de Santa Maria. **Temas em Psicologia da SBP**. Vol. 12, n. 1, p.43-50. 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a05.pdf>>. Acesso em: 30 de Setembro 2016;

LUBART, Todd. **Psicologia da Criatividade**. Editora ArtMed. Porto Alegre. 2007;

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. 3ª Ed. rev. e ampliada. Editor Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2006;

MUNARI, Denize B., et al. Saúde Mental no Contexto da Atenção Básica: Potencialidades, limitações, desafios do Programa Saúde da Família. **Rev. Eletr. Enf.** vol. 10. n. 3. 784-795. 2008. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3a24.htm>>. Acesso em: 4 de Novembro 2016;

MACHADO, Márcia P. C. **Criatividade em Contextos de Vulnerabilidade Psicossocial: Uma investigação heurística à luz do referencial da ACP**. Dissertação (Mestrado). 2010. p. 212. Universidade Autónoma de Lisboa – UAL. Lisboa. 2010;

MOURA, Renata H. de; BOARINI, Maria L.. A saúde da família sob as lentes da higiene mental. **História, Ciências, Saúde - Moranguinhos**. vol.19, n.01. Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702012000100012&lng=en&nrm=iso&tlng=en> . Acesso em: 04 de Novembro 2016;

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da Criatividade**. Editora Vozes LTDA. Rio de Janeiro, 1971.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948;

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**, Petrópolis, Editora Vozes. 15ª edição, 1987;

OLIVEIRA, Zélia Maria F. Fatores Influentes no Desenvolvimento do Potencial Criativo. **Estudos de Psicologia**. Campinas, Janeiro/Março de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100010>. Acesso em: 20 de Outubro 2016;

OLIVEIRA, Iranilson B. et al. A Ordem Antes do Progresso: O discurso médico-higienista e a educação dos corpos no Brasil do início do século XX. **Revista de História e Estudos Gerais**. Vol. 9 n.1. ano IX. 2010. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF28/Artigo_7_Iranilson_Buriti_%20Oliveira_Leonardo_%20Q_%20B_Freire_Debora_da_%20Silva_Sousa_Jose_Maxuel_Lourenco.pdf>. Acesso em: 27 de Novembro 2016;

PEREIRA, Alexandre de Araújo, et al. Saúde Mental. 2ª Ed. **Núcleo de Educação em Saúde Coletiva – NESCON/UFMG**. Belo Horizonte, 2013;

ROGERS, Carl R. **Um Jeito de Ser**. 4ª Edição. Editora Pedagógica e Universitária. São Paulo. 1987;

RYFF, Carol D., KEYES. Corey Lee. M. The Structure of Psychological Well-Being Revisited. **Journal of Personality and Social Psychology**. Vol. 69 n. 4, 719-727. 1995;

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 3ª Edição. Editora Martins Fontes. São Paulo. 1997;

ROGRIGUES, Danielle M. **Os Aspectos Cognitivos da Qualidade de Vida**: Um estudo entre variáveis do locus de controle e as do bem-estar subjetivo. Dissertação

(Mestrado) 2007, p. 155. Universidade Federal Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro. 2007;

SEABRA, Joana M. **Criatividade**. Portal dos Psicólogos. Dissertação (Mestrado). 2007, p. 42. Programa de Mestrado da Universidade de Coimbra – Portugal, 11 de Setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0104.pdf>>. Acesso em: 18 de Outubro 2016;

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. O brincar da criança: criatividade e saúde. **Bol. Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 267-277, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200014>. Acesso em: 30 de Setembro 2016.